

BALANÇO E
PERSPECTIVAS DA
LITERATURA FRANCESA
TRADUZIDA NO BRASIL
DE 1970 A 2006¹

*Marie-Hélène Catherine
Torres*

Professora da Universidade
Federal de Santa Catarina
marie.helene.torres@gmail.com

RESUMO: Neste artigo procuro fazer um balanço da literatura francesa traduzida no Brasil, assim como identificar algumas perspectivas, tendo com objetivo principal traçar o perfil da tradução literária no Brasil de 1970 a 2006. Começo por uma breve introdução sobre a tradução no mundo, antes de discorrer sobre a tradução e sobre os tradutores no Brasil. Os dados apresentados provêm de pesquisas feitas pelo Centro de Pesquisa em Literatura Traduzida (NUPLITT), da Universidade Federal de Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária, literatura francesa traduzida, NUPLITT.

RÉSUMÉ: Dans cet article j'envisage faire un bilan de la littérature française traduite au Brésil, ainsi qu'identifier quelques perspectives, ayant pour objectif principal celui de tracer le profil de la traduction littéraire au Brésil de 1970 à 2006. Je commence par une introduction sur la traduction dans le monde, avant de parler de la traduction au Brésil et de ses traducteurs. Les données que je présente sont issues de recherches faites par le centre de recherche en Littérature Traduite (NUPLITT), de l'Université Fédérale de Santa Catarina.

MOTS-CLÉS: Traduction littéraire, littérature française traduite, NUPLITT.

A dupla perspectiva da história e do futuro da tradução da literatura francesa no Brasil é o fio condutor de meu artigo. Meu principal objetivo é não só o de traçar o perfil da tradução literária no Brasil de 1970 a 2006, mas também o de analisar os modelos e as estratégias que orientam – e orientaram – as traduções de um *corpus* determinado, estudando as relações de diferença, de identidade e/ou as relações entre as diversas culturas encontradas no sistema brasileiro. Antes, contudo, começo por uma breve introdução sobre a tradução no mundo.

Dados sólidos e oficiais são as condições *sine qua non* para qualquer pesquisa científica e, notadamente, para pesquisas em estudos

da tradução. O banco de dados mais respeitado nessa área, sobretudo no plano internacional, é, sem dúvida, o *Index Translationum*, da Unesco, que, além de ter um repertório de obras traduzidas no mundo inteiro, é, de fato, a única bibliografia internacional de traduções.

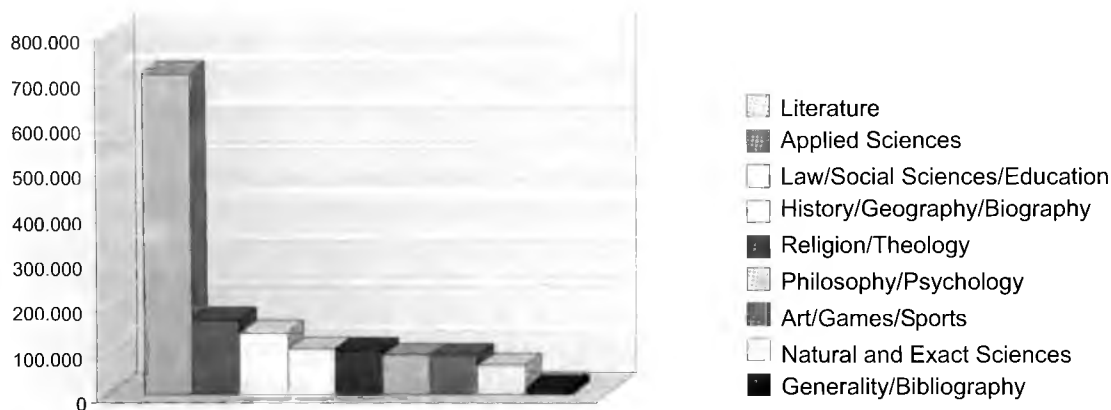
O *Index Translationum*, apresentado pela primeira vez em 1932, graças à iniciativa da SDN (que funcionou de 1920 a 1946), continha as traduções publicadas na Alemanha, na Espanha, na França, na Itália, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Cobria catorze países até sair de circulação em janeiro de 1940, alguns meses após o início da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1945, a Unesco propôs a volta da publicação e, assim, o *Index* foi impresso até o volume 39 (contendo mais de 60 mil entradas, referentes a 56 países). Existe hoje um banco de dados *on-line* que contém todas as informações sobre as traduções

desde 1979, ou seja, mais de 1,6 milhão de títulos abrangendo todas as áreas do conhecimento, mais de 20 mil autores e cerca de quatrocentas línguas.

Conhecer a evolução da tradução no Brasil – e, antes disso, no mundo –, a partir da bibliografia da Unesco, não é somente uma tarefa difícil, mas também representa um trabalho inédito, que permite elaborar um panorama do que se traduz no mundo.

Na ocasião, a partir dos dados do *Index*, procurei saber quantos títulos haviam sido traduzidos no mundo e nas diferentes categorias durante o período preestabelecido. Os resultados podem ser vistos na Figura 1.

Uma primeira leitura mostra que a categoria “literatura”, com 779.432 títulos traduzidos de 1970 a 2006, é a mais traduzida do mundo, já que quase metade dos 1.598.635 títulos concentra-se na área literária. Bem longe se encontram as ciências aplicadas, com 180.189 títulos traduzidos.



16 Figura 1. Títulos traduzidos, no mundo, por área do conhecimento (1970-2006).

Esses dados mostram que a literatura, pelo menos no que concerne às três últimas décadas do século XX, é entre todos os “gêneros” da Classificação Decimal Universal (CDU) o mais traduzido. Isso demonstra, conseqüentemente, não só o interesse dos pesquisadores em Estudos da Tradução, mas também dos editores e tradutores; justifica igualmente o I Encontro de Tradutores de Obras Francesas no Brasil.

E interessante agora mostrar quantos títulos foram traduzidos a partir de cada língua, sempre durante o mesmo período e unicamente na área literária. Como se sabe, o inglês é a língua a partir da qual mais se traduz, sendo então responsável pela metade das traduções, conforme se pode ver na Figura 2.

Os títulos traduzidos do francês, do alemão e do russo oscilam entre 10% e 6% do total, representando, assim, um quarto das traduções produzidas no mundo.

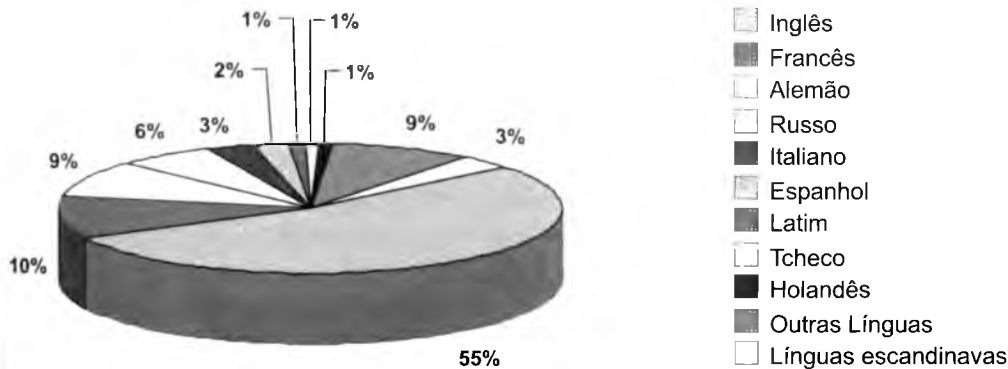


Figura 2. Títulos traduzidos a partir de cada língua.

As dez línguas mais traduzidas, no período de 1970 a 2006, são as seguintes: inglês, francês, alemão, russo, línguas escandinavas (sueco, dinamarquês, finlandês e norueguês), italiano, espanhol, latim, tcheco, holandês; representam 91% do volume total das traduções, contra 9% das outras línguas distribuídas em dezenas de línguas. Essas dez línguas/culturas mais traduzidas exercem, pois, uma verdadeira dominação literária.

As línguas mais traduzidas do mundo correspondem, assim, às literaturas mais traduzidas do mundo, o que significa que o volume da literatura traduzida em cada uma dessas línguas é superior às outras categorias.

Há culturas que se abrem naturalmente às outras, a fim de conhecê-las melhor, de evoluírem juntas ou ainda de dividirem novas idéias. Geralmente, essas culturas traduzem mais do que as outras. É o que Casanova (1999, p. 189) chama de “intradução”, ou seja, a importação de textos literários estrangeiros em forma de tradução.

Ao confrontar os dados das línguas/culturas que mais traduzem com os dados das línguas mais traduzidas do mundo, é possível constatar que as obras literárias escritas em inglês são as mais traduzidas (55%). Em compensação, os países de língua inglesa traduzem pouquíssimo (7%), o que significa que difundem e exportam sua literatura, sua ideologia, sua cultura, seu saber, mas importam pouquíssimo das culturas estrangeiras. Por outro lado, os países/culturas de línguas alemã, espanhola e francesa têm uma política diferenciada, pois importam uma quantidade considerável de obras literárias estrangeiras para traduzi-las: o alemão é a terceira língua mais traduzida do mundo. A Alemanha é o país que mais traduz, com 17% das traduções feitas no mundo. Os países/culturas de língua espanhola vêm em segundo lugar, com 12% das traduções, e os países de língua francesa estão em terceiro lugar, com 11% das traduções.

São essas as considerações relativas ao panorama da tradução no mundo. Certamente muito escassas, mas, mesmo assim, capazes de fornecer os elementos necessários para dar prosseguimento a esta análise.

A tradução, principalmente no que diz respeito às premissas do século XXI, está integrada a todos os níveis da sociedade e se tornou indispensável para o seu funcionamento. Alguns autores falam explicitamente hoje da ubiqüidade da tradução, visível e invisível, ou mascarada. A tradução adquiriu, notadamente, uma função, segundo Lambert (1989): a da comunicação, ou ainda a da internacionalização da comunicação, pois é um ato

de comunicação que estabelece uma relação interativa entre as culturas (LAMBERT, 1990). Efetivamente, a tradução, e, sobretudo, a tradução literária, ou melhor, a literatura traduzida, tema deste artigo, não tem somente uma função comunicativa, mas também cultural e intercultural, conforme constata Anthony Pym (1998).

Partindo da hipótese de Lambert, segundo a qual a tradução estabelece uma relação interativa entre as culturas, ou a da intercultura de Pym, tento descrever a posição da literatura de língua francesa traduzida para o português no sistema cultural e literário brasileiro. Além de razões de ordem pessoal,² meu interesse pela literatura francesa traduzida para o português pode ser explicado de diferentes maneiras. Contentar-me-ei aqui em simplesmente citar essas razões. Primeiramente, notei que, em português, havia um volume fraco de tradução dos livros franceses (em qualquer área) se comparado com livros oriundos de outras línguas (como o inglês, por exemplo). Em seguida, observei, entretanto, que laços específicos uniam o Brasil e a França. Não somente laços históricos e coloniais (a França tentou, por várias vezes, colonizar o Brasil), como também laços de amizade e de cooperação intelectual, científica e cultural – sobretudo acadêmica – desde o início do século XX. Por fim, constatei que a literatura brasileira ocupa um lugar

2 Meu percurso acadêmico (graduação e pós-graduação em literatura brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina), meu percurso de vida (morando há treze anos no Brasil) e meu percurso profissional (professora da Universidade Federal de Santa Catarina).

paradoxal no que Pascale Casanova chama de “a república mundial das letras”. Desde 1990, portanto, antes de Casanova, Lambert já fazia referência ao que denominou “os mapas mundiais da literatura”, estabelecidos segundo o princípio da multiplicação dos mapas, capazes de “renovar e reorientar nossa apresentação literária do universo” (LAMBERT, 1990). Segundo Casanova (1999), se existisse “um meridiano de Greenwich” do universo literário mundial, Paris seria a capital, “a partir da qual a novidade e a modernidade das obras poderiam ser medidas”. O Brasil não faz parte desse meridiano, e sua literatura consiste no que Casanova denomina “pequenas literaturas”, em oposição às “literaturas dominantes”. Isso explicaria o fraco volume de tradução no Brasil, além das traduções de língua inglesa e, talvez, a falta de interesse das políticas editoriais estrangeiras em exportar sua literatura. Mas, se a literatura, como afirma Casanova (1999, p. 188), “é a grande instância de consagração específica do universo literário”, por que a literatura francesa e de língua francesa – literatura, no entanto, central do universo literário mundial – não é traduzida no Brasil?

No que concerne à história, observa-se que uma longa relação de interesse mútuo une o Brasil e a França, política, econômica e culturalmente. Foi graças a D. João VI, instalado com a Corte portuguesa no Rio de Janeiro, que as relações entre o Brasil e a França se intensificaram. Em 1816, ele trouxe, para a fundação de uma Academia de Belas-Artes abaixo dos trópicos, uma comissão de artistas franceses (CARELLI, 1987, p. 131), composta por

pintores, escultores, arquitetos, gravuristas, engenheiros etc. Sua influência foi determinante para a evolução das artes e provocou a vinda de inúmeros franceses das mais variadas áreas – padeiros, doceiros, cozinheiros, ourives, professores de música, de francês... – que se instalaram no Brasil. Os costumes também foram influenciados, razão pela qual enviar jovens brasileiros para estudar nas universidades francesas passou a ser de bom-tom. Aliás, a língua, a literatura e a moda francesas estiveram no seu apogeu. A considerável importação de livros franceses ao Brasil também teve um impacto enorme na evolução da mentalidade. Esse comércio de livros se desenvolveu – após ter sido proibido até 1808 – notadamente graças a Baptiste-Louis Garnier, que se instalou no Rio de Janeiro em 1844 e ali morreu em 1893 (CARELLI, 1987, p. 134). O fato de brasileiros lerem, então, em francês, evidentemente, atrasou as traduções.

O Brasil do século XX se desligou progressivamente do modelo francês por meio de uma emancipação cultural e identitária, impulsionada, sobretudo, pelos modernistas. A sedução primária se transformou em relações de troca, cooperação e de homenagens. Os viajantes franceses, dentre os quais se destacam Anatole France, Darius Milhaud, Benjamin Péret ou ainda Blaise Cendrars, favoreceram um (re)descobrimto do Brasil.

Em 1908, na esperança de difundir a cultura francesa, Georges Dumas foi enviado ao Rio de Janeiro, na qualidade de porta-voz do Agrupamento das Universidades e das Grandes Escolas da França, para estabelecer uma cooperação com o Brasil

(CORELLI, 1987, p. 157). Como fruto dessa cooperação houve uma série de conferências, na Sorbonne, de Anatole France, Victor Orban e Oliveira Lima,³ com o nome de Festa da Intelectualidade Brasileira, cujo principal objetivo era o de homenagear Machado de Assis, falecido no ano anterior, e difundir suas obras na França (VALEZI STAUT, 1991, p. 14). Nessas conferências se fazia apologia aos elos da latinidade que poderiam unir os dois países.

Essa festa permitiu um fortalecimento da cooperação universitária mútua, por um lado, com a criação, em 1911, da disciplina Estudos Brasileiros, na Sorbonne, e, mais tarde, do Instituto dos Altos Estudos da América Latina, em Paris; por outro, com o envio de uma comissão de universitários franceses em 1934, dentre os quais Claude Lévi-Strauss,⁴ que lecionou Sociologia na recém-fundada Universidade de São Paulo (USP). Essas são as informações necessárias sobre a história.

Mas volto agora à literatura de língua francesa traduzida no Brasil. Partirei dos primeiros resultados obtidos pelo meu grupo de pesquisa sobre a literatura traduzida no Brasil. Com efeito, a falta

de estudos mais sistemáticos sobre a história e sobre a crítica da tradução, assim como a constatação de que ainda não existe, no Brasil, uma bibliografia das traduções brasileiras de obras literárias serviu de ponto de partida ao projeto intitulado “Tradução, Tradição e Inovação: o papel das traduções do alemão, do espanhol, do francês e do italiano (1970-2006) no Brasil”. Parece-me fundamental situar e descrever em números a tradução de obras literárias de língua francesa, a fim de sensibilizar as autoridades competentes para o fato de que a difusão da língua e da cultura francesa por meio das traduções não tem, atualmente, a visibilidade que tinha no passado, pois hoje o público-leitor brasileiro não lê mais em francês como antigamente.

Como eu não dispunha de bancos de dados de obras traduzidas no Brasil, as pesquisas começaram com o *corpus* on-line do *Index Translationum*, da Unesco, conforme já comentei. Como as estatísticas disponíveis são frequentemente embrionárias e relativas – pois as cessões de títulos nem sempre são retiradas dessa fonte e o registro pelo serviço de depósito legal das diversas bibliotecas nacionais não apresenta nenhuma homogeneidade –, o *Index Translationum* reproduz o atraso da recuperação nos dados transmitidos pelas bibliotecas nacionais. As informações recolhidas permitem, contudo, resgatar grandes tendências. Depois, é evidente que esses dados precisam ser completados.

No que diz respeito à tradução da literatura no Brasil, esta representa 40% do total do que é traduzido, acompanhando as tendências mundiais.

3 Oliveira Lima fez também conferências em Anvers (18-25 de janeiro de 1909) e outras em Paris (de 15 março a 6 de maio de 1911).

4 O diretor da Ecole Normale Supérieure propôs a Claude Lévi-Strauss candidatar-se para o posto de professor de sociologia na Universidade de São Paulo. Alegou que, por sonhecer seu interesse pela etnografia e pelo fato de que os subúrbios de São Paulo estavam cheios de índios, Lévi-Strauss poderia, assim, dedicar seus finais de semana ao estudo. A informação não tinha fundamento: São Paulo já era um grande centro urbano, como explica Lévi-Strauss (1955).

No entanto, o Brasil traduziu apenas 2% do total das traduções no mundo, de 1970 a 2006. As traduções oriundas de língua francesa estão bem atrás das do inglês. Aliás, o volume de tradução literária no Brasil por língua confirma isso (Figura 3).

Então, no Brasil, 74% das traduções são oriundas do inglês, 10% do francês, 8% do alemão e 4% do espanhol. A literatura de língua inglesa é sete vezes mais traduzida do que a literatura de língua francesa. Uma análise superficial do *corpus* das traduções literárias oriundas do francês mostra que a literatura infantil e os romances policiais (indo dos mais populares, como os *San Antonio*, aos mais clássicos, como os do belga Simenon) representam a maior parte do que se traduz. Júlio Verne é um dos autores mais traduzidos, frequentemente nas coleções destinadas ao público jovem. *O pequeno príncipe*, de Saint Exupéry é o livro mais reeditado, com quarenta reedições pela Editora

Agir, do Rio de Janeiro, em uma única tradução de D. Marcos Barbosa, e os desenhos animados belgas (Tintin e Astérix) representam uma boa parcela do total das traduções oriundas do francês.

A literatura francesa atraiu grandes escritores brasileiros que traduziram principalmente obras clássicas. Marcel Proust é provavelmente o autor preferido dos escritores-tradutores, podendo-se citar os seguintes casos: Mário Quintana (3 traduções e 13 reedições), Manuel Bandeira (2 reedições de *A prisioneira*) e Carlos Drummond de Andrade (4 reedições). Quintana também traduziu obras de Balzac, Voltaire, Maupassant, Mérimée; e Drummond traduziu, entre outras, *As relações perigosas*, de Choderlo de Laclos, e *Thérèse Desqueyroux*, de Mauriac. A difusão de autores e de obras clássicas francesas, por meio de traduções feitas por escritores brasileiros consagrados, teve uma legitimidade incontestável.

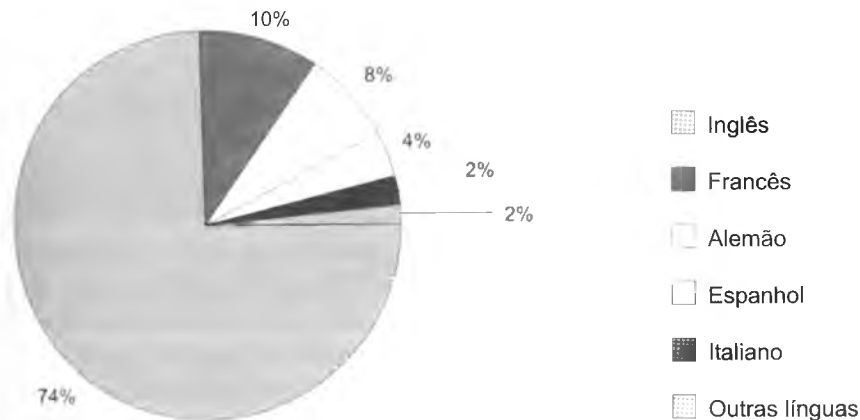


Figura 3. Volume de tradução literária por língua.

Victor Hugo também foi favorecido com traduções feitas pelos grandes nomes da literatura brasileira, como Machado de Assis (*Os trabalhos do mar*) e Fernando Sabino (*Coisas do entardecer*). Em compensação, alguns escritores quase não foram traduzidos (Mme. de Stäel, Mme. Dacier, Benjamin Constant, Chateaubriand...).

Quanto às literaturas canadense e africana de língua francesa traduzidas no Brasil, estas não figuram no *corpus* da Unesco, ainda que se saiba que alguns títulos de autores canadenses, como Anne Hébert, foram traduzidos, assim como meia dúzia de antologias de escritores canadenses francófonos, graças à Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E quanto ao futuro? Bem, é preciso relançar a tradução de obras literárias francesas e de língua francesa no Brasil. A tradução é a grande instância de consagração de uma obra no universo literário. Os atores do mercado de livros, tanto no Brasil quanto na França, deveriam intervir para que a imagem literária e cultural da literatura francesa traduzida no Brasil fosse restabelecida. O futuro depende não só de estratégias políticas, culturais, editoriais e comerciais de bens culturais que impulsionem a evolução do volume de traduções literárias oriundas do francês, quantitativa e qualitativamente, mas também de nós, agentes difusores não somente das literaturas, como também das línguas e das culturas.

Por isso, gostaria de abordar agora a questão essencial do tradutor, o principal intermediário da tradução. O tradutor tem, de fato, o poder de ressal-

tar o outro, o estrangeiro. Por estabelecer uma relação interativa entre as culturas, o tradutor ou perpetua a “tradição”, ou transgride-a, ao importar palavras estrangeiras ou criar neologismos. Em outras palavras: dependendo das estratégias de tradução que o tradutor decide adotar, as normas existentes – ou seja, a assimilação do estrangeiro – serão reforçadas, ou alteradas em prol de uma inovação na língua e na cultura.

O tradutor literário participa, assim – conscientemente ou não –, da luta pela visibilidade, ou seja, do reconhecimento internacional de uma literatura. Conforme o tipo de tradução, determinada visão cultural e literária de um dado sistema será transmitida ao invés de uma outra.

O poder do tradutor é tal que se pode questionar o seu desejo de antropofagia ou os seus meios de anexar o outro. Tal procedimento permitirá mais tarde traçar um perfil do tradutor, com as balizas espaço-temporais necessárias. A existência do tradutor torna-se então possível graças à sua visibilidade no texto traduzido.

Quem é o tradutor? É um antropófago? A teoria brasileira da antropofagia – que não discutirei por falta de tempo – é utilizada como metáfora cultural pelos antropófagos modernos. A devoração não era, todavia, generalizada, mas praticada a partir de certos critérios de seleção. A exemplo do “selvagem”, que devora o inimigo – não qualquer inimigo, mas um inimigo corajoso e dotado de qualidades, sobretudo as relativas à guerra –, absorve-o e digere-o para incorporar apenas as suas virtudes, o escritor brasileiro faz a mesma coisa

por meio do ritual de antropofagia cultural. Em face da cultura do outro, o escritor brasileiro tem o mesmo comportamento: devora a cultura estrangeira, absorve-a, digere-a, a fim de restaurar o seu próprio patrimônio cultural. “A devoração proposta pelos novos antropófagos deveria responder a certos critérios para que apenas fossem digeridas as contribuições necessárias” (*Magazine Littéraire*, n. 187), para que o devorado não faça o devorador sofrer de indigestão.

Assim sendo, resolvi partir então da hipótese de que toda tradução é antropófaga. Todo tradutor procede a uma apropriação do texto traduzido, ou seja, transforma o texto-fonte em um texto apto a ser lido numa outra cultura, numa outra língua, traduzindo-o. Essa mobilidade, esse deslocamento, permite, incontestavelmente, um crescimento do volume das traduções e sua diversificação espaço-temporal. Não que as literaturas nacionais e os modelos literários tenham desaparecido, mas entram em competição com outras tradições e modelos. Falar de mobilidade da literatura pelo viés das traduções conduz à idéia da desterritorialização⁵ da literatura, no sentido de que um texto traduzido é um texto retirado do meio que o viu nascer e crescer – na forma de texto-fonte – e proje-

tado em uma outra cultura, mais precisamente para novos leitores, para os quais não foi inicialmente destinado. Anthony Pym encara, nesse propósito, a tradução como um texto que muda em qualidade, pois se desloca no espaço e no tempo.

Esse conceito de transferência espacial, ou a noção de deterioração da literatura traduzida, é indispensável à da apropriação, já que parti da hipótese de que um texto estrangeiro é deteriorado ou deslocado no tempo e no espaço (Pym), e, em seguida, traduzido por apropriação. Acredito que a teoria antropófaga e o processo de tradução procedem da mesma forma, pois consistem em devorar, incorporar, digerir, para, em seguida, criar sua própria tradução. O tradutor produz, assim, um outro texto, ainda que com “a marca de identidade” do texto-fonte. Esse outro texto, o traduzido, é “transformado em energia criadora”. O tradutor é, então, autor.

Toda tradução é, por conseqüência, um ato antropófago por absorção do texto-fonte e criação do texto traduzido, e cada tradução é única no sentido de que é feita por um tradutor particular, num determinado momento. É a partir do confronto de textos traduzidos por tradutores diferentes de um mesmo texto-fonte que se pode estabelecer como os tradutores traduziram, ou seja, que tipo ou nível de antropofagia praticaram.

Então, se toda tradução é um ato antropófago, elas serão: naturalizada, ou mais naturalizada (o que se pode chamar de “antropofagia etnocêntrica”); exotizada, ou mais exotizada (“antropologia inovadora”) ou um compromisso entre natu-

5 Expressão cunhada por Deleuze e Guattari e utilizada por Venuti (1988). Quanto à “mobilidade”, convém citar o projeto *EuroLiterature* (site Internet d’EuroLiterature: <<http://www.euroliterature.uib.no>>), de cujos seminários participei, em Leuven, entre 1997 e 1999, bem como o Open Distance Learning, cujo tema principal era justamente a mobilidade da literatura, que é cada vez menos restrita aos sistemas de literaturas nacionais.

ralização e exotização (“antropofagia intercultural”).

Mas, para compreender a lógica do texto traduzido, é preciso voltar ao próprio trabalho tradutivo e, além disso, ao tradutor, diz Antoine Berman (1995, p. 73). Assim, ao partir em busca do tradutor, ele faz claramente a pergunta: quem é o tradutor? Essa indagação tem uma finalidade diferente da dirigida a um autor (quem é o autor?), pois afirma que “a vida do tradutor não nos diz respeito, e *a fortiori* o seu estado de espírito”. O que importa saber, segundo Berman, é: se o tradutor é francês ou estrangeiro; se é unicamente tradutor ou se exerce outra profissão; se também é autor, se produziu obras; de qual(is) língua(s) traduz; se é bilíngüe; qual(is) gênero(s) de obras traduz; se escreveu sobre sua prática tradutiva; se traduziu com outros tradutores (tradução a “quatro mãos”).

Anthony Pym tem uma visão completamente oposta à de Berman, pois vê os tradutores como pessoas de carne e osso, como seres humanos, e não como figuras do discurso que produziram uma tradução (Pym, 1998, p. 160). Ao contrário de Berman, Pym argumenta que alguns detalhes da vida privada dos tradutores podem ser pertinentes para explicar o que foi feito na área da tradução. Por outro lado, Pym avança na hipótese de que os tradutores raramente são profissionais, vivendo apenas da tradução, mas que exercem muito frequentemente uma outra profissão (p. 162). Isso é, segundo Pym, uma vantagem, pois um tradutor que vivesse apenas das suas traduções seria muito mais dependente das estruturas existentes (prazos, exi-

gências do editor...) e reduziria, assim, suas habilidades de tradutor (p. 164).

Uma das perguntas fundamentais feitas por Pym busca saber como uma pessoa se torna tradutora. É porque ela é bilíngüe? – interroga. Esse critério, segundo ele, não influencia o fato de uma pessoa virar tradutora, pois frequentemente, afirma Pym, o tradutor mantém uma ligação emocional com uma cultura em particular ou com um autor específico. O tradutor traduz porque prova o prazer de traduzir, de revelar o outro. A hipótese de Pym é a da intercultural, que mostra que a nacionalidade do tradutor pouco importa, pois, segundo ele, o tradutor se situa na interseção das duas culturas, ou seja, no espaço intercultural. Ao contrário de Berman, que estabelece uma separação binária entre as duas culturas, ele não só afirma que os tradutores não pertencem a uma única cultura, como também que eles são a sua interseção (Pym, 1998, p. 177 e 182).

Levando-se em conta os critérios de Pym sobre a intercultural e o questionário de Berman, pode-se estabelecer o perfil dos tradutores de determinada literatura traduzida, considerando-se igualmente o discurso implícito dos paratextos (prefácio, notas do tradutor e outras introduções ou posfácios), assim como o dos metatextos (notas e glossários) e o dos outros textos escritos pelos tradutores. Todos esses documentos representam importantes fontes de informação.

Enfim, todas essas informações sobre a vida dos tradutores, de acordo com Pym, permitem apreender e apreciar melhor as decisões tomadas

nas traduções, assim como as estratégias de tradução utilizadas. Mas ainda é necessário que o tradutor seja visível.

Uma das formas de visibilidade é a difusão das biografias e bibliografias de tradutores. Por isso, gostaria de terminar com a apresentação do primeiro *Dicionário de tradutores no Brasil*, que é uma publicação *on-line* (www.dicionariodetradutores.ufsc.br) do Centro de Tradução em Literatura Traduzida da Universidade Federal de Santa Catarina. É o resultado do trabalho do Grupo de Pesquisa em Literatura Traduzida, cujo objetivo é o de fazer o levantamento mais completo possível dos tradutores literários no Brasil e traçar seu perfil. A meta é dar uma maior visibilidade aos tradutores, verdadeiros intermediários das culturas, que continuam subvalorizadas, apesar do importante papel que desempenharam na formação e no funcionamento de nossos sistemas literários.

Em primeiro lugar, trata-se de um dicionário de tradutores de textos literários, no sentido amplo do termo. Em segundo lugar, as pesquisas começaram e continuaram, nesse sentido, pelos tradutores mais representativos, ou seja, os tradutores-escritores, os que traduziram obras consagradas nos diversos sistemas literários, assim como os que traduziram uma maior quantidade de obras.

Para obter essas informações biobibliográficas, além do contato direto com os tradutores, foram consultados o Currículo Lattes do CNPq, os *sites* da Associação Brasileira de Tradutores, da Câmara Brasileira do Livro, assim como as listas e páginas pessoais dos tradutores. As editoras se

mostraram particularmente receptivas ao projeto e facilitaram o contato com os tradutores. Pesquisas também foram divulgadas na área de edição eletrônica de jornais e revistas, e artigos, levantamentos, entrevistas etc. foram localizados. Cada entrada contém a biografia do autor, seguida de passagens de obras traduzidas, geralmente bilíngües, e, finalmente, a bibliografia mais completa possível.

Por fim, gostaria de ressaltar que esse dicionário permitirá que todos os interessados conheçam o perfil do tradutor literário no Brasil, esse profissional que dá acesso a textos publicados em outras línguas/culturas, mas que nem sempre é citado como deveria, nem nos paratextos, nem nos catálogos, nem em formulários de compra de livros, *on-line* ou não. Desejo que esse dicionário se torne uma referência e, sobretudo, que contribua para um conhecimento mais amplo, ou melhor, para uma revalorização do trabalho dos tradutores literários no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos organizadores do I Encontro de Tradutores de Obras Francesas no Brasil, especialmente à Martine Dorance (conselheira de Cooperação e Ação Cultural), ao Emmanuel Jaffelin (conselheiro de Cooperação e Ação Cultural) e ao Paulo Cohen (assistente de Cooperação e Ação Cultural), e aos professores da Universidade de Brasília: Álvaro Faleiros, Adalberto Müller e Rogério Lima. Aproveito estes agradecimentos para cumprimentar todos os participantes

do I Encontro e, mais particularmente, Mário Laranjeira, Estela dos Santos Abreu, Dorothée de Bruchard, Teresa Dias Carneiro, Bruno Palma, Jerusa Ferreira, Claudia Xatara, Mônica Correia e Marcelo Novaes.

VENUTTI, Lawrence. Translation and minority. *The Translator*, v. 4, n. 2, p. 139-141, 1998.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

CARELLI, Mario. Interactions culturelles franco-brésiliennes. *France-Brésil: bilan pour une relance*. Paris: Entente, 1987.

CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.

LAMBERT, Joseph. La traduction, les langues et la communication de masse. *Target: International Journal of Translation Studies*, v. 1, n. 2, Amsterdam: Benjamins, 1989.

_____. A la recherche de cartes mondiales des littératures. In: RIEZ, Janos; RICARD, Alain. *Semper Aliquid Novi*. Tübingen: Narr, 1990.

_____. La traduction, modes et enjeux culturels. In: GAMBIER, Yves (Ed.). *Les transferts linguistiques dans les medias audiovisuelles*, Villeneuve d'Asq: Press Universitaires du Septentrion, 2005.

LÉVY-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1955.

PYM, Anthony. *Method in translation history*. Manchester: Saint Jerome, 1998.

VALEZI STAUT, Lea Mara. *A recepção da obra machadiana na França*. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.